

O ECONOMISTA

N.º 2 – 2ª série | 15,00 €

ALICE CUNHA
ÁLVARO MATIAS
ANTÓNIO ABRANTES
ANTÓNIO CIPRIANO PINHEIRO
CONSTANTINO SAKELLARIDES
FERNANDA ILHÉU
FERNANDO TEIXEIRA DOS SANTOS
FRANCISCO JAIME QUESADO
FRANCISCO MELRO
GLÓRIA REBELO
JOÃO CEREJEIRA
JOÃO CONFRARIA
JOÃO CÉSAR DAS NEVES
JORGE RODRIGUES
JOSÉ FÉLIX RIBEIRO
JOSÉ FERREIRA GOMES
JOSÉ GALAMBA DE OLIVEIRA
JOSÉ PIMENTEL DE CASTRO COELHO
LICÍNIO PRATA PINA
LUÍS BELO
LUÍS MENEZES
MÁRIO CENTENO
MIGUEL CADILHE
MIGUEL CARVALHO E BRANCO
NAZARÉ DA COSTA CABRAL
NUNO RIBEIRO DA SILVA
PAULO SANDE
PEDRO PITA BARROS
ROBERT HART
RUI LEÃO MARTINHO

Pensar Portugal *no contexto* *da nova* *globalização*

2025 ANUÁRIO
DA ECONOMIA
PORTUGUESA

“O horizonte é vermelho”?

Roubo o título (acrescentando a interrogação) ao velho “Coro Popular” resgatado nos anos 70 do século passado por um partido hoje sem expressão, para referir a recente Cimeira de Pequim em que participaram Xi Jinping (China), Vladimir Putin (Rússia), Kim Jong-un (Coreia do Norte), Narendra Modi (Índia) – todos estes países potências nucleares.

O resultado do Encontro, que não teve a devida relevância nos órgãos de informação portugueses, é, contudo, de extrema importância para todo o mundo, inclusive, ou sobretudo, para o Ocidente – e, logo, para o pequeno país chamado Portugal, cada vez mais condicionado pelas políticas internacionais.

Enquanto em Pequim os sorridentes líderes assinavam decisivos acordos que não deixarão de influenciar as relações globais, e não apenas as trocas comerciais, em Washington, o despeitado “Chefe do Mundo Ocidental” repetia ameaças que já ninguém leva a sério.

Junte-se a esta realidade o desnorte de Bruxelas, acrescente-se a fraqueza da Alemanha e misturem-se os riscos que emergem de França, e aí está o cenário perigoso, ainda encoberto por retóricas que iludem.

Face à aparente pujança das potências nucleares reunidas em Pequim e à “passividade” do Ocidente, o perigo do “horizonte vermelho” poderá vir a ser real.

Por tudo isto, urge Pensar Portugal no contexto da nova globalização. É isso que fazemos nesta edição de O Economista, através de alguns dos mais prestigiados economistas, académicos e gestores nacionais. - ARG

SUMÁRIO

- 5 **ANTÓNIO RAMOS GOMES**
CRÓNICA DO ABSURDO
- 6 **FRANCISCO MELRO**
A ECONOMIA EM TEMPOS DE DESORDEM
- 23 **MÁRIO CENTENO**
OS DESAFIOS DA ECONOMIA PORTUGUESA
- 26 **NAZARÉ DA COSTA CABRAL**
PORTUGAL E AS SUAS CONTAS EXTERNAS: DE IMPORTADOR CRÓNICO A EXPORTADOR (AINDA QUE TÍMIDO). SERÁ ESTA UMA MUDANÇA ESTRUTURAL?
- 33 **JOÃO CÉSAR DAS NEVES**
A POLÍTICA ORÇAMENTAL E O NOVO CONTEXTO GLOBAL
- 36 **MIGUEL CADILHE**
O ESTADO-DESPESA
- 41 **JOÃO CONFRARIA**
A QUESTÃO DOS GASTOS EM DEFESA
- 44 **LUÍS BELO**
COMPETITIVIDADE FISCAL EMPRESARIAL E VALORIZAÇÃO DOS RENDIMENTOS DOS COLABORADORES
- 47 **FERNANDO TEIXEIRA DOS SANTOS**
PORQUE SOBEM OS IMPOSTOS?
- 52 **JOSÉ FÉLIX RIBEIRO**
A TRANSIÇÃO PARA UM MUNDO MULTIPOLAR: O POSICIONAMENTO FUTURO DA UNIÃO EUROPEIA
- 56 **PAULO SANDE**
A UNIÃO EUROPEIA E OS DESAFIOS DA NOVA GLOBALIZAÇÃO
- 62 **ALICE CUNHA**
A UNIÃO EUROPEIA NO CONTEXTO MUNDIAL EM 2025: DÉFICES E CAPACITAÇÃO
- 65 **FERNANDA ILHÉU**
RETROSPECTIVA DO RELACIONAMENTO ECONÓMICO PORTUGAL-CHINA
- 69 **ÁLVARO MATIAS**
EDUCAÇÃO E CRESCIMENTO: O QUE ESTÁ VERDADEIRAMENTE EM CAUSA EM PORTUGAL
- 73 **JOSÉ FERREIRA GOMES**
OBJETIVOS DA EDUCAÇÃO PARA 2029
- 79 **ROBERT HART**
A IMPORTÂNCIA DA LÍNGUA INGLESA NO MUNDO ACADÉMICO E NO SETOR DOS NEGÓCIOS – EM PORTUGAL E NO MUNDO
- 83 **JOÃO CEREJEIRA**
DESAFIOS NA ERA DA DIGITALIZAÇÃO
- 87 **GLÓRIA REBELO**
REGULAMENTO EUROPEU DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL
- 91 **FRANCISCO JAIME QUESADO**
O PROPÓSITO DO CONHECIMENTO
- 93 **NUNO RIBEIRO DA SILVA**
A POLÍTICA ENERGÉTICA NO CONTEXTO DA GLOBALIZAÇÃO
- 97 **MIGUEL CARVALHO E BRANCO**
OS VEÍCULOS ELÉTRICOS EM FORTE EBULIÇÃO
- 104 **CONSTANTINO SAKELLARIDES**
SAÚDE 2025
- 109 **PEDRO PITA BARROS**
O SISTEMA DE SAÚDE PORTUGUÊS HOJE
- 112 **JOSÉ GALAMBA DE OLIVEIRA**
UMA NOVA AMBIÇÃO PARA O SISTEMA COMPLEMENTAR DE PENSÕES
- 114 **LUÍS MENEZES**
CONSTRUIR VALOR EM TEMPOS DE MUDANÇA: A VISÃO DO SETOR SEGURADOR
- 116 **RUI LEÃO MARTINHO**
O MUTUALISMO E O SEU PAPEL NA ACTIVIDADE SEGURADORA
- 118 **JOSÉ PIMENTEL DE CASTRO COELHO – ANTÓNIO CIPRIANO PINHEIRO**
OS PROBLEMAS DA AGRICULTURA E DA FLORESTA PERANTE OS NOVOS DIREITOS ADUANEIROS
- 123 **LICÍNIO PRATA PINA**
OS TERRITÓRIOS DE BAIXA DENSIDADE: É PRECISO DENSIFICÁ-LOS!
- 126 **ANTÓNIO ABRANTES**
O TURISMO PORTUGUÊS: REALIDADES, DESEMPENHOS E DESAFIOS
- 129 **JORGE RODRIGUES**
ÉTICA EMPRESARIAL NO CONTEXTO DA GLOBALIZAÇÃO

O ECONOMISTA

Director
António Ramos Gomes

Conselho Editorial
António Pinheiro
António Pinho Cardão
Carlos Tavares
Daniel Bessa
Eduardo Catroga
Francisco Murteira Nabo
Guilherme Vaz
João Costa Pinto
João Duque
Joaquim Miranda Sarmento
José de Almeida Serra
José Félix Ribeiro
Manuela Morgado
Miguel Cadilhe
Nicolau Santos
Nuno Valério
Ricardo Arroja
Rui Leão Martinho

Directora Comercial
Maria Manuela de Almeida

Projecto Gráfico
Notimpossible, Lda.

Design, Infografia e Paginação
António Paulo Gomes
Rui Ligeiro

Revisão
António Paulo Gomes

Propriedade e Edição
Polimeios-Produção de Meios, Lda.
NIPC: 503 635 855
Detentores com mais de 5% do capital da empresa:
António Ramos Gomes, Maria Manuela de Almeida

Sede do Editor, Redacção, Administração,
Publicidade e Departamento de Assinaturas
Rua Francisco Rodrigues Lobo, 2 - R/C Dto.
1070-134 Lisboa, Portugal
Telefone: 213 859 950
E-mail: geral@cadernoseconomia.pt
URL: https://cadernoseconomia.pt/

ERC 128052. Depósito legal n.º 537833/24
ISSN 3051-6072

Produção Gráfica: Polimeios

Tiragem: 12.000

Periodicidade: Anual

Impressão e acabamento:
Escala Três - Publicidade e Artes Gráficas, Lda.
Impasse Industrial da Bela Vista, 68 - Pav. 17 R/C
2735-336 Agualva-Cacém

Número 2 (2.ª série) – Setembro 2025

ESTATUTO EDITORIAL

O ECONOMISTA

é um órgão de análise das questões económicas, financeiras e sociais.

O ECONOMISTA

é uma publicação independente do poder político
e dos interesses económicos.

O ECONOMISTA

assume o compromisso de não utilizar as informações a que tenha acesso
para outros fins que não a elaboração de análises e comentários
a publicar nas suas páginas.

Crónica do absurdo

Pode dizer-se que, nunca como hoje, a economia mundial e as políticas sociais foram tão afectadas por situações estranhas, absurdas mesmo, que minam a credibilidade das instituições.

O famigerado “processo das tarifas” – aumenta, mantém, reduz, aumenta – com negociações bizarras, como aquela que aconteceu junto a um campo de golfe escocês, ilustra bem o comportamento de alguns participantes.

Mas os absurdos destes dias atingem dimensões inacreditáveis, como são as propostas de atribuir o Prémio Nobel da Paz a figuras políticas cuja conduta é, no mínimo, contraditória com os ideais do galardão. De facto, como entender que alguém acusado – ou pelo menos considerado conivente – com ataques a instituições democráticas do seu próprio país, e ligado a tragédias humanitárias no plano internacional, possa ser sugerido (inclusive por chefes de Estado) como símbolo da paz? É o triunfo da inversão: a violência transformada em diálogo, o populismo erigido em sabedoria, a manipulação elevada a virtude.

Claro que este não é um caso isolado. O absurdo é global – e não poupa Portugal. Com efeito, assiste-se a grandes debates sobre transparência política, enquanto se multiplicam alegados casos de governantes e de outros políticos de diferentes quadrantes envolvidos em conflitos de interesses ou favores obscuros.

Clama-se por justiça social, mas continuamos com milhares de pessoas sem acesso à saúde, à habitação ou a um salário digno.

Voltando ao plano internacional, multiplicam-se as guerras (não apenas na Ucrânia e no Médio Oriente, como se sabe) e crises humanitárias. E, no entanto, o comércio de armas cresce a ritmo acelerado, não raro patrocinado por nações que discursam em nome da paz.

Estes absurdos são mais do que contradições; são sintomas de um tempo em que a retórica substitui a realidade; em que se trocam valores por conveniências, princípios por “estratégias”, ética por “oportunidade”.

Enfim, torna-se urgente resgatar o óbvio: a paz não se constrói com violência, a democracia não se fortalece com ataques às instituições, a justiça não se alcança com favorecimentos.

Sabemos que os absurdos continuarão a existir. Mas importa não os normalizar. - ARG